

## *Anonymus Gourmet*

*José Antonio Pinheiro Machado*

Primeiro de tudo, eu gostaria de agradecer a imensa honra de estar aqui. Agradeço o convite generoso do Presidente Técio e dos outros ilustres dirigentes para fazer parte desta Casa centenária. Esse convite — permitam que eu o receba dessa forma —, significa o reconhecimento de três atividades profissionais: advogado, jornalista e escritor. Nessas três atividades, o escritor inspira as outras: é o escritor que cuida da incessante busca (raras vezes obtida) de excelência nas petições do advogado, nos textos jornalísticos, nos roteiros dos programas de TV. Quem escreve, busca o equilíbrio, a ordem, a perfeição, mas também a graça, o encantamento, a surpresa...

Advogados são profissionais que têm o dever — e digo mais! — o privilégio de escrever profissionalmente.

Começo com um colega nosso, um escritor que há mais de um século comove seus leitores.

Começo com Marcel Proust.

No precioso livro da correspondência de Marcel Proust e de seu editor Jacques Rivière, na página 31, depois de uma empenhada troca de cartas em que ambos divergiam sobre a forma de editar um dos livros de Proust, o grande escritor encerrou o debate com uma frase que sintetiza o poder da palavra escrita: *“Cher ami: Vos raisons ne me convainquent pas, mais vos amicales paroles me décident”* [Caro amigo: Suas razões não me convencem, mas suas palavras amigáveis me decidem].

Isto é, os fatos, — vale dizer as razões,— trazidas pelo editor Rivière na amável divergência com o escritor Proust, não foram suficientes para o convencimento. Mas, as palavras amigáveis, isto é, o texto escrito e sua articulação, fizeram com que o escritor se decidisse — e se curvasse. Embora não convencido, ficou vencido.

Nós, advogados, procuradores, magistrados, operadores do direito, somos habitantes desse mundo etéreo e impalpável, de palavras e argumentos. Na condição de escritores, não trabalhamos com a realidade, mas sim com uma representação da realidade. Reconstruímos o mundo real em palavras, na esperança de uma boa aproximação. Mas, os fatos reais e a representação da realidade não se confundem.

Mesmo quando tento falar de mim mesmo, eu não sou o que digo. O autorretrato é limitado, eu não sou ele. Vale o exemplo usado pela escritora Ruth Ozeki: “...se você olhar um pintor ao lado do autoretrato que ele pintou de si mesmo, jamais

confundirá os dois. Um é a pessoa do pintor, o outro, o quadro pintado por ele”.

Freud já advertia que “o homem é dono do que cala e escravo do que fala”, porque as coisas que dizemos ou que escrevemos são traiçoeiras: “quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro do que de Paulo”, dizia Freud.

O grande escritor argentino Ricardo Piglia escreveu que “a verdade tem a estrutura de uma ficção onde o outro fala. É preciso fazer da linguagem um lugar para que o outro possa falar.” Piglia lembra um ensaio de Brecht intitulado “Cinco dificuldades para escrever a verdade”. É preciso ter, dizia Brecht, em relação à verdade, a perspicácia de descobri-la, o valor de escrevê-la, a arte de fazê-la funcionar, a inteligência de saber eleger os destinatários e, sobretudo, a astúcia de saber difundi-la.

E esse é o nosso combate: enfrentar com sucesso os cinco desafios de Brecht. São os desafios que perseguem a mim quando postulo, como advogado, perante os juízes e tribunais; na expectativa de que, lembrando o que Proust nos ensinou, se duvidarem das minhas razões, pelo menos acreditem em minhas palavras.

Portanto, todo o cuidado é pouco com as palavras que vamos usar em nossas petições. A qualidade de nossos textos é crucial.

O editor de Jorge Luis Borges, Carlos Frias, Diretor-Editorial da Emecê Editores, de Buenos Aires, certa vez sugeriu que Borges utilizasse o prólogo de um de seus livros para fazer uma espécie de “declaração estética”, isto é, considerações sobre o que ele considerava princípios fundamentais para tornar um texto elegante e interessante. O grande escritor relutou, relutou... Mas, enfim, Jorge Luis Borges aceitou escrever alguns conselhos preciosos para nós que temos a escritura como dever:

*“O tempo ensinou-me algumas astúcias: evitar os sinônimos, que têm a desvantagem de sugerir diferenças imaginárias; evitar regionalismos, arcaísmos e neologismos; preferir as palavras habituais às palavras extravagantes; intercalar num relato rasgos circunstanciais, (...); aprendi em Kipling e nas sagas da Islândia a simular pequenas incertezas, pois, se a realidade é precisa, a memória não é precisa; narrar os fatos como se não os entendesse totalmente; recordar que as normas anteriores não são obrigações e que o tempo se encarregará de aboli-las. Tais astúcias ou hábitos não configuram certamente uma estética. Não acredito em*

---

*José Antonio Pinheiro Machado*

*estéticas. Em geral não passam de abstrações inúteis; variam para cada escritor e para cada texto.”*

Gosto de escutar outro conselheiro. O norte-americano Gay Talese, hoje, aos 80 anos, é outro exemplo de escritor que brilha pela alta qualidade do texto. É um dos astros do chamado “novo jornalismo” que trata a notícia com a tinta da literatura. Escreve não-ficção com estilo de ficção. Cada reportagem parece um romance. Seus livros são muito bem pesquisados e bem escritos. Diz que o rigor e a elegância do texto ele herdou da técnica do pai alfaiate:

*“Meu pai fazia cada terno ponto por ponto, evitando o uso de uma máquina de costura, porque queria sentir a agulha em seus dedos ao trabalhar um corte de seda ou lã, e avançava a uma velocidade de lesma na costura de um ombro ou de uma manga. Se qualquer trabalho seu não alcançava o nível que ele definia como ‘perfeito’, punha-o de lado e recomeçava. Ele esperava criar a ilusão de uma roupa inconsútil, alcançar a expressão artística com agulha e linha.”*

Inconsútil – exatamente na definição dessa palavra, se define a excelência do texto de Gay Talese: “não consútil; sem costuras (diz-se especialmente da túnica de Cristo); feito de uma só peça; inteiriço”.

Para chegar a isso, Talese revela que “escrever é como dirigir um caminhão à noite, sem faróis, errando o caminho”. Na apuração dos fatos, esses erros de caminho inevitáveis custam caro: “durante 40 anos de minha carreira como escritor-pesquisador, investi pesadamente na perda de tempo”.

Em seguida à apuração, escrever não é menos penoso: “produzo texto com facilidade comparável à de um paciente que expele pedra dos rins”.

Conhecemos bem essas dificuldades. Não canso de procurar bons exemplos. Além de Proust, Borges, Piglia, Brecht, Talese, outro bom conselheiro é o russo Konstantin PAUSTOVSKI. Ouçam os conselhos que ele nos oferece:

*“Uma comparação deve ser precisa como uma régua de cálculo e natural como o perfume do feno. Sim, esqueci de dizer que, antes de eliminar as escórias verbais, divido o texto em frases ligeiras. O mais possível de pontos! Esta é uma regra que incorporaria em lei do Estado, para uso dos escritores. Cada frase corresponde a um pensamento, a uma imagem, não mais. Assim, não tenhais medo dos pontos. Talvez minhas frases sejam muito*

---

*José Antonio Pinheiro Machado*

*curtas. Isso se explica, em parte, pela minha asma. ( ... ) Esforço-me por banir do manuscrito quase todos os participípios e gerúndios e não deixo senão os mais indispensáveis. Os participípios tornam a língua angulosa, sombria e matam a melodia. Rangem como carroças que rodam sobre um piso de pedras. Empregar três participípios numa frase leva à morte do estilo. O gerúndio é, apesar de tudo, mais ligeiro do que o participípio. Confere, por vezes, à língua, algo de aéreo. Mas o abuso do gerúndio a torna flácida e esganiçante. Considero que o substantivo não exige senão um adjetivo, o melhor escolhido. Só um gênio pode permitir-se dois adjetivos para o mesmo substantivo.” (Konstantin PAUSTOVSKI: "Babel", in Critique, págs. 68 e 69).*

São pequenos cuidados que nós, escritores, temos que ter — como queria Proust —, para que, quando nossas razões não convencem, pelo menos, nossas palavras decidam.

A última palavra é a que fica.

Lembro a última palavra de Prometeu: “Resisto!” Gostaria que, nesta conversa, a minha última palavra fosse um pequeno gesto em homenagem ao texto bem escrito, dito por alguém que trabalhava com imagens. Mas sempre soube o valor das palavras: o grande pintor espanhol Salvador Dali.

Para encerrar, lembro a experiência vivida por Salvador Dali, metáfora magnífica sobre a força irresistível das palavras. Salvador Dali, num restaurante, se preparava para comer um *pâté en croute*, saboroso preparado de fígados de ganso assados, envolvidos em massa folhada. De repente, antes que o mestre se servisse, o cozinheiro veio à mesa, cumprimentou o grande pintor, respeitosamente, e explicou que aquele patê tinha sido feito de forma meticulosa, em demoradas etapas e com requintadas minúcias, a partir de gansos escolhidos, criados com um método especial, seguindo a tradição secular, usando técnica ensinada em sua família pelo seu pai, que aprendeu com seu avô, que aprendeu com seu bisavô, por sucessivas gerações de mais de 200 anos, para que os fígados ficassem perfeitos. Enfim, até aquele *pâté en croute* chegar à mesa, fora uma longa sucessão de pequenos rituais seculares visando a excelência. Salvador Dali ouviu o cozinheiro atentamente. Depois, deliciado, degustou a iguaria bem devagar e confessou:

“Este mesmo patê, sem aquele discurso do cozinheiro, eu o teria engolido distraidamente. É preciso que me digam que um

## *Anonymus Gourmet*

---

*José Antonio Pinheiro Machado*

prato é excepcional para que minhas papilas gustativas  
estremeçam”.